

*Regressamos ao nosso formato e ao nosso estilo habituais. Depois do volumoso número duplo sobre o tema global da pequena agricultura em Portugal, voltamos a partilhar com os nossos leitores um número simples com variedade temática que vai do direito e do Estado à questão urbana, da psiquiatria à antropologia, de Sartre e Lévi-Strauss ao socialismo, para além das secções habituais de noticiário e de recensões críticas.*

*Mas a variedade não é caótica. Todas as colaborações cumprem a trajectória ampla e internamente diversificada da sociologia crítica em que nos empenhamos. Mas muito para além disso, elas reflectem, cada uma a seu modo, a incompleição do nosso mundo, cada vez mais conflitual e, por isso, inacabado, cada vez mais familiar e, apesar disso, estranho, cada vez mais diverso e, todavia, monótono.*

*Um mundo em que os corpos da solidão se tocam ombro a ombro não pode deixar de se espelhar em textos disciplinadamente alinhados de costas uns para os outros e contudo subteraneamente solidários e, mais do que isso, repetindo-se uns aos outros na singularidade inumerável dos encontros e desencontros sociais de que cada um, no seu canto, dá conta.*

*É por isso que cada um dos artigos incluídos neste número da Revista Crítica pode ter, pelo menos, duas leituras. A primeira leitura, a que podemos chamar manifesta, concebe o texto como um todo, construindo e habitando um dado objecto teórico, um tema constituído por uma disciplina científica, uma máscara, cumprindo disciplinadamente o ritual de uma ciência particular.*

*Ao nível desta leitura o primeiro artigo situa-se na confluência da sociologia do direito, da sociologia política e da sociologia urbana. Trata da questão urbana e mais especificamente da questão da habitação. Procura explicar como se produz e reproduz a escassez da habitação nas cidades do mundo capitalista, como é gerida pelo Estado essa escassez nunca eliminada, como reagem, perante ela, e lutam contra ela as classes trabalhadoras, baixas e médias, cada vez mais frustradas face ao direito*

*da habitação sempre afirmado na teoria dos discursos oficiais e sempre negado na prática do quotidiano da cidade.*

*O segundo artigo situa-se na confluência da psicologia social, da sociologia do desvio social e da sociologia da psiquiatria e coloca a questão da natureza do conhecimento médico sobre a doença mental para concluir que esse conhecimento é socialmente construído e que, como tal, o que nós entendemos por «doença mental» nas sociedades contemporâneas é o produto das condições históricas e sociológicas destas sociedades. Entre essas condições avulta o monopólio do conhecimento profissional por parte de médicos e psiquiatras, com base no qual estas profissões exercem um poder disciplinador e normalizador sobre as pessoas e os grupos sociais. Esse conhecimento, que veste a máscara (ou a bata) da cientificidade, está de facto saturado de opiniões subjectivas, considerações pragmáticas, ideologias políticas, culturais e religiosas que influenciam de modo determinante a produção do diagnóstico.*

*O terceiro artigo situa-se na confluência da filosofia, da sociologia e da antropologia, analisando os termos do debate entre Sartre e Lévi-Strauss sobre a concepção da antropologia. Para Sartre a filosofia e as ciências sociais têm como objecto o homem ainda que só a filosofia possa dar deste uma visão global, razão porque toda a filosofia não é senão antropologia (ciência do homem). Ao contrário, para Lévi-Strauss a filosofia é pouco mais que o reflexo do atraso das ciências humanas; uma vez constituído o estatuto da cientificidade destas não há razão para a reflexão filosófica e abstracta sobre o homem, devendo esta ser substituída por uma verdadeira ciência social (a antropologia). Assim se chocam duas concepções de ciência e também duas concepções do homem. Na primeira, o homem é a presença das presenças, enquanto, na segunda, o homem é a ausência das ausências.*

*Mas, como dissemos, estes artigos podem ser objecto de uma segunda leitura, que chamaremos latente, uma leitura dos rios subterrâneos que atravessam os diferentes textos, das veias que unem estes corpos separados de ciência e que por eles fazem correr um sangue comum. É uma leitura bem mais difícil que a primeira mas talvez mais interessante, uma leitura feita de muitas pistas que a cada um cabe descobrir.*

*Pela nossa parte, pensamos que o quotidiano urbano dos homens e das mulheres nas sociedades contemporâneas é feito do conjunto de condições económicas, sociais, culturais e políticas em que é produzida e reproduzida a vida das cidades. Entre essas condições avulta o papel do próprio Estado (e através dele, do direito) como instituidor de uma legalidade e de uma política urbanas, tantas vezes discriminatórias e nem mesmo assim seguidas*

*por quem delas mais se aproveita. Uma legalidade e uma política a partir das quais se definem oficialmente os desvios e as oposições, e também as desigualdades e as discriminações onde se fundam, para tantos, as carências e as lutas, os problemas e as tensões, as expectativas e as frustrações que compõem a vida urbana. Ai procuram os homens e as mulheres conquistar o sentido das suas trajectórias pessoais e sociais ao mesmo tempo que se colocam em permanente risco de perdê-lo.*

*É nesta linha de risco que os homens e as mulheres constroem e destroem a sua sanidade ou a sua doença mentais, depois certificada pelos detentores do capital sui generis que é o saber profissional. São estas práticas profissionais que procuram tantas vezes normalizar as pessoas e os grupos nas calhas dos parâmetros de desigualdade e de discriminação (económica, cultural, rática, étnica, etc.), entretanto concebidos como «naturais» ou «fatais».*

*Esses homens e mulheres, duplamente fragmentados pela divisão do trabalho e do lazer urbanos e pelas classificações maniqueístas das suas trajectórias pessoais e sociais, procuram uma síntese redentora, uma instância de conjugação onde seja possível pensar tudo acerca de tudo num tempo total. Essa síntese será a filosofia ou a ciência? Ou nenhuma delas? Ou ambas, cada uma desfigurada até ao ponto de deixar de ser o que tem sido para passar a ser um projecto continuamente em devir? E quem escreverá essa síntese? Em que linguagem ou em que silêncio? O dilema consiste em termos a nostalgia de um super-texto que diga tudo de nós e ao mesmo tempo temermos que, depois de tudo dito, o que tiver sido dito seja menos a chave de um enigma do que um epitáfio.*